



ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

Propriedade da
Irmandade de Nossa Senhora das Preces
Telefone 192 de Galizes

Director e Editor
P.º Mário Oliveira de Brito

Redacção e Administração
Aldeia das Dez — Oliveira do Hospital
Comp. e Imp.: «Gráfica de Coimbra»
Bairro de S. José, 2—Coimbra—Telef. 2857

A.P.42

Estrada do Colcurinho e Portos do Inferno

A todos os nossos prezados leitores damos a boa e grata notícia de que já anda a ser construída a estrada para o Colcurinho e para as Portas do Inferno.

Começaram já os trabalhos no dia 1 de Junho e, como não falte pessoal, dentro de pouco tempo teremos a estrada num dos pontos mais altos de Portugal.

Alegrem-se pois todos os amigos do Colcurinho, alegrem-se todos os piedosos, pois dentro de pouco tempo verão os carros no povoado.

Ao darmos esta notícia, seja-nos permitido manifestar ao Ex.º Sr. Director Geral dos Serviços Florestais todo o nosso reconhecimento e gratidão.

Se não fossem os Serviços Florestais nunca o Colcurinho teria estrada e nunca o Piodam teria tão grande melhoramento.

Ao amigo Sr. Dr. Vasco que tanto se tem esforçado para conseguir tão útil benefício, vai um grande e sincero abraço.

Como eu vi a Festa de Nossa Senhora das Preces

A festa que anualmente se realiza no Vale de Maceira, encantador lugar da freguesia de Aldeia das Dez, teve lugar no passado vinte e quatro de Maio, como já é tradição centenária.

Nunca meus olhos viram tantosromeiros subirem uma encosta, tantos carros em longa e interminável fila escalando a estrada que lá tem seu término, tanta gente aglomerada, excepção feita no Santuário de Fátima.

A festa de Nossa Senhora das Preces é incontestavelmente a maior romaria das Beiras, e uma das maiores de Portugal. Aqui também é lugar de oração e penitência. Por todo o dia e alta noite, tivemos ocasião de presenciar factos que confirmam aquela nossa asserção — homens, mulheres, crianças, sem respeito humanos e sem atenderem a são divertimentos, percorriam de joelhos o recinto sagrado cumprindo suas promessas. Revestem-se sempre de invulgar brilho a Missa Campal e Procissão. É então que Nossa Senhora das Preces cobre de bênçãos seus peregrinos, atende suas súplicas, ouve seus prantos, e anima-os com o seu doce olhar de Mãe, fazendo-lhes sentir sua celestial influência.

Alvoco de Várzeas, 28-V-953.

P. F.

Em dia de anos

Com o presente número a «Voz do Santuário» completa três anos de idade e de publicação. É a idade em que Nossa Senhora foi apresentada no templo.

Ninguém pode calcular os sacrificios e os cuidados que estes três anos de jornalismo nos deram para que a sua publicação se tenha mantido com regularidade.

A vida de um jornal, embora pequeno, é sempre cheia de imprevistos, de dissabores e de despesas.

A vida da «Voz do Santuário» é devida a um constante milagre da graça de Nossa Senhora e à generosidade dos nossos prezados assinantes.

A «Voz do Santuário» assenta em quatro pedras basilares. Protecção de Nossa Senhora, amizade, dedicação e generosidade dos seus leitores.

Para honra e glória de Nossa Senhora seja dito que a sua bênção tem sido constante e bem visível. Nasceu para viver ao seu serviço e para cantar e contar as suas maravilhas e mais uma vez se confirma que nunca se ouviu dizer que alguém que a Ela tenha recorrido fosse por Ela desamparado.

A «Voz do Santuário» é esperada com ansiedade, lida com prazer, recebida com carinho e paga com generosidade. Eis o segredo da sua vida.

E porque temos plena confiança na dedicação e generosidade dos nossos prezados assinantes, a «Voz do Santuário» entra confiadamente no 4.º ano, com a certeza de que continuará a ter o carinho de todos.

Assim a «Voz do Santuário» continuará a ser o mensageiro de Nossa Senhora nas terras das nossas Beiras e o porta voz do mais belo Santuário mariano e que levará ao largo e ao longe os nomes benditos da Senhora das Preces e do monte do Colcurinho.

Ó gentes das nossas Beiras! Ó vós todos fiéis devotos de Nossa Senhora das Preces! Para vós vai neste momento toda a nossa gratidão e reconhecimento.

Continuai a ajudar-nos com as vossas esmolas e com mais assinaturas para que este Santuário, o mais belo, o mais lindo, o mais encantador das Beiras possa crescer, ainda mais, em beleza, em formosura, em encantos e em graça aos olhos dos crentes e descrentes, dos piedosos peregrinos e simples turistas, de nacionais e estrangeiros, aos olhos de Deus e dos homens.

Para glória de Nossa Senhora sempre em frente!

CARTAS DE ALGURES...

IV

A minha última «carta» extraviou-se.

Debalde esperou a Redacção por ela e eu pela sua publicação.

Nesta mútua espera, decorreu um longo período de silêncio, aliás sem qualquer prejuízo, nem para o jornal, nem para os seus leitores...

Como não guardei o original, segue outra, com novo assunto.

Lembra-se o Rev.º P.º Mário de Brito, que a «Voz do Santuário» vai entrar no 4.º ano de publicação.

Bem merece o acontecimento duas letras de congratulação.

Aqui ficam, na expressiva sinceridade das minhas felicitações.

Felicitações que, certamente, traduzem o sentir de todos os amigos e admiradores do Santuário de Nossa Senhora das Preces. Ao lado da acção que o jornalzinho está desenvolvendo no campo espiritual, sem dúvida a mais notável e digna de louvor há que sublinhar a propaganda das belezas e atractivos do Santuário.

O êxito desta campanha está demonstrado na grande afluência deromeiros verificada nas romarias dos últimos anos.

A deste ano, por exemplo, lembrou já as dos seus tempos aureos.

Mas faz mais: interessa-se pelo progresso da região, que nele tem encontrado um acérrimo defensor.

Ora, «o progresso é o desenvolvimento gradual do poderio humano sobre a matéria; é, sobretudo, o desenvolvimento da sua moralidade», no dizer de Turgot.

Portanto, há que aperfeiçoar os indivíduos, para que do progresso individual resulte o progresso social.

Dentro do seu programa, e na modestia das suas possibilidades, neste santo labor anda empenhada a *Voz do Santuário*, levando aos seus leitores os sublimes preceitos da doutrina cristã, a única fonte capaz de saciar almas sedentas de perfeição.

A grande imprensa, dum modo geral, não é lida pelas populações rurais, de modestos recursos para poder pagá-la.

É necessário doutriná-las com publicações deste género, baratas, simples, acessíveis à sua mentalidade.

A *Voz do Santuário* entra já em muitos lares pobres, onde deixa boa semente, que há-de produzir bons frutos.

Eis o motivo por que lhe deseja longa vida, o

JOSÉ SERRA

CONVERSANDO

Truz! truz! truz! a tia Rosa dá licença?

— Entra Margarida.

— Ora viva e dê cá um abraço e um chi, tia Rosa!... então assim umas ausências... até já diziam que não voltava cá...

— Nada, Deus não havia de permitir que eu ficasse lá pelas serras e por melhor que nos tratem por lá, não há nada que chegue ao calor da nossa casinha.

— Mas a tia Rosa não tinha tenção de lá estar tanto tempo?

— Pois não Margarida; mas bem vês... nós deitamos umas contas e Deus deita outras.

Eu ia para passar a Páscoa com os meus afilhados; já muito tempo que me andavam a pedir que fosse lá estar uns dias. Vai daí, quando estava para me vir, a mulher do meu afilhado adoeceu, lá fiquei a tratar dela.

— Fez uma obra de misericórdia e de caridade, tia Rosa! e que bela trasteira!!

— Lá arribou e quando estava para me vir, morreu-lhe o pequenito mais novo, o Carlitos...

— Coitadito! foi para o céu para os anjinhos.

— Vai daí depois meteram-se as sementeiras e lá fiquei mais uns dias.

— Pois fez bem tia Rosa, só nos fazia muitas saudades e sentíamos a falta da sua companhia e dos seus conselhos. Sabe? ainda houve quem dissesse que vocemecê vinha cá quando foi agora pela festa, para o casamento da Laurinda...

— Sim, ela tinha-me dito qualquer coisa e vinha de bom grado mas quando soube que aquilo era só pelo civil, que não ia à igreja... nada não era eu que lá punha os pés. E sabes Margarida? pensa que se benze e quebra o nariz.

Já tinha destinado o que lhe havia

de dar: coisas de casa, roupa, enfim alguma coisa que lhe fosse útil, tanto mais que agora quando a vida está no princípio tudo faz arranjo...

— Da minha parte também perdeu; também lhe dava uma lembrança; demais a mais eu gostava da pequena e até fiquei admirada de ela fazer uma coisa daquelas.

— Bem vês Margarida, aquilo são coisas lá do lampinas do rapaz que, pelo que ouvi dizer, é um estoura vergas; lá se arranjem, mas não sairá dali coisa boa.

— Eu cá também assim penso: casam-se, ou melhor, juntam as troixas sem se lembrarem de Deus e depois não podem ser abençoados.

A vida nem sempre é de rosas e depois por dá cá aquela palha é pancadaria de criar bicho; ralhos e pragas sem conta nem medida, de tal modo que até os gatos fogem do telhado... com medo que se acabe o mundo.

É o que acontece com o Zé Tramelga e com a Rita Pançuda... até os chamam os mal casados.

— Mas ainda se fosse só isso... enfim, eles pagavam com o corpo as maluqueiras da cabeça... O pior é que os filhitos, coitaditos! é que sofrem as consequências.

Lá se arranjem; olha cá, a tua mãe anda boa?

— Graças a Deus anda bem tia Rosa, muito agradecida.

— Bem, dize-lhe lá que muito estimo que ande boa, que lhe mando muitos cumprimentos e que qualquer dia a vou visitar.

— Pois sim senhora!

— E as tuas companheiras?

— Parece que vêm cá amanhã como é domingo.

— Bem, bem; às que tu vires dá-lhes muitos recados meus e dize-lhes que cá as espero.

— Muito boa tarde tia Rosa.

O parque de estacionamento

e o desvio da estrada são obras urgentes

O recinto do Santuário é já muito pequeno para os milhares de peregrinos e forasteiros que se fazem transportar em autocarros, camionetas e automóveis.

A Mesa Administrativa do Santuário tem diante de si um gravíssimo problema: arranjar lugar para arrumação dos carros sem prejudicar os serviços de trânsito e obstar a que a entrada dos ditos carros continue a fazer-se junto à Igreja da Senhora das Preces para não prejudicarem os serviços religiosos.

Se Deus quiser esta situação há-de acabar dentro em breve, pois temos fundadas esperanças em que o Governo nos ajudará a resolver estes problemas urgentes.

O Santuário da Senhora das Preces está a marcar na vida dos povos da Beira é um ponto de turismo visitado durante o ano por muitos milhares de pessoas e dentro de alguns anos será o ponto de turismo do centro de Portugal mais visitado, mais admirado e mais apreciado.

Por tudo isto bem merece todo o auxílio, todo o amparo, todo o carinho que as Entidades Públicas lhe puderem dispensar.

Condições de Assinatura por ano

A *Voz do Santuário* que se publicará uma vez por mês terá duas categorias de assinantes:

Simple assinantes	— 10\$00
Assinantes benfeitores	— 20\$00
Estrangeiro	— 20\$00

As Ave-Marias



*Ave-Marias queridas,
Desde pequeno aprendidas
Com quem já Deus me levou;
— Eu amo as Ave-Marias
Porque são as melodias
Que a minha mãe me ensinou.*

*Ave-Marias, sonoras,
Que se transformam auras
P'ra todo o povo cristão.
— São estas Ave-Marias
As mais lindas poesias
Da nossa religião.*

*Ave-Marias timbradas
Nas altas torres sagradas
Ou nos simples campanários;
— São estas Ave-Marias
Que indicam, no campo, os dias
Aos honestos proletários.*

*Ave-Marias, benesses,
Pedidas, em tantas preces,
À Virgem, p'ra nos salvar;
— Mas quantas Ave-Marias
Se perdem, todos os dias,
Das não sabermos rezar!...*

*Ave-Marias: — se o sino
Tocar ao acto Divino;
Corramos todos — senhores:
— Vamos sentir a magia
Do lindo «Mês de Maria»
Rezado no mês das flores!*

*Ave-Marias, doçuras,
Que as almas boas e puras
Rezam-nas mesmo a cantar!
— Só eu, — as Ave-Marias —
Por ter poucas alegrias,
Rezo-as a soluçar.*

*Ave-Marias Divinas;
— Amo-as, assim pequeninas,
Num sentimento tão forte!...
— Que eu quero — as Ave-Marias —
Rezá-las, todos os dias,
Até à hora da morte.*

*Ave-Marias são hinos
Que quando as lembram os sinos
— Tudo reza — tudo acalma!
— Reza amor, Ave-Marias
E, quando findar meus dias,
Aplica-as por minha alma.*

S. Vicente da Beira.

JOSÉ LOURENÇO

A Oração do Pastorinho

Viajando um missionário no campo, viu um rapazito, que guardava um rebanho de ovelhas espalhadas pela encosta duma colina. O pequeno pastor andava recolhido, meditando atentamente no quer que fosse. O sacerdote aproximou-se e falou-lhe:

— Andas sozinho por este ermo, meu amigo? Deves aborrecer-te muito.

— Oh! não, senhor padre. Nunca estou aborrecido. Ando sempre muito ocupado.

— Muito ocupado? Qual é então essa grande ocupação?

— Olhe: sei uma oração muito linda; e a minha alegria é estar sempre a rezá-la.

— Pois sim, mas em todo o caso não hás-de estar a rezar todo o santo dia.

— Ai estou, estou! E nunca chego a acabar a minha oração. É tão consoladora e tão bonita, que ela só basta para a alegria do meu coração.

— Mas é que há-de ser então muito grande essa oração, visto que não te chega todo o dia para a rezares.

— Oh! não, não é. É até bem pequena.

— Então não te compreendo. Aca-baste de dizer-me que não chegavas ao fim dela em todo o dia, e agora afirmas que é pequena. Vamos lá a ver: como explicas tu isso?

— É que, senhor padre, não faz ideia. Gosto tanto da minha oração, ela é tão doce, dá-me tanta consolação, que começo a rezá-la e, ainda que eu não queira, começam-me logo as lágrimas a correr, e pronto! Fico assim toda a tarde.

— Muito bem. Mas ainda não me disseste qual é essa oração e de que modo a rezas.

— A oração é o *Padre Nosso*. E rezo-o assim: — Antes de começar levanto o pensamento a Deus; e depois digo: — *Padre Nosso que estais nos céus*. E aqui, páro, pensando na graça que Deus me faz de Lhe poder chamar *meu Pai*. É possível que eu, um pobre ovelheiro, chame com verdade *meu Pai* a um Deus, e um Deus tão grande, tão poderoso? Um Deus que fez este céu tão bonito, este sol tão quente, e esta terra com rios, pinheiros e serras? Ah! sim. Ele mo permite, a mim pobrezinho, a mim, que não sou nada. Eu posso chamar-Lhe *meu Pai*. Este pensamento, senhor padre, e outros assim, que levava muito tempo se lhos

fosse a dizer todos, fazem-me andar cheio de gratidão, admiração e amor. E então comovo-me e não posso continuar. Olhe: vê acolá em baixo, por entre estas duas árvores, lá muito longe, aquela aldeia pequena, de poucas casas? É lá que eu moro. Pertencço à família mais pobre do lugar. Pois posso chamar a Deus *meu Pai*, tanto como os mais ricos e mais poderosos? Sou Seu filho tanto como eles!

O sacerdote, comovido, passou a mão pela face do pastorinho, dizendo:

— Continua a rezar assim, meu filho, e Deus te abençoará.

Uma noite serena deixa-nos ver milhares e milhares de estrelas

**Quem as acendeu a todas? Quem
lhe alimenta a luz maravilhosa?**

Basta a existência dos astros para ser permitido concluir que existe Deus. O árabe, dos vestígios na areia, e nós, dos vestígios sobre a neve ou no pó, inferimos a passagem de um viajante. Do mesmo modo da existência dos astros inferimos a existência de Deus. Tão impossível é que os astros se tenham produzido a si mesmos, como é impossível que uma cidade se construa por si mesma. O astrónomo Kischner tinha um amigo que duvidava da existência de Deus. Mandou fazer uma bela esfera e pô-la no gabinete. Quando o amigo lhe perguntou de onde ela viera, respondeu-lhe: «essa esfera fez-se por si mesma». Esta resposta fez rir o amigo e Kischner disse-lhe: «mais facilmente podia este globo fazer-se por si mesmo, do que aqueles lá de cima. Uma luz não se acende por si, e quando se acende, apaga-se ao cabo de poucas horas. Ora no firmamento brilha uma luz esplendorosa e os séculos não lhe diminuíram o esplendor.

«Os céus narram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos». (Ps. XVII, 1). Newton descobria-se e inclinava a cabeça cada vez que ouvia o nome de Deus. Em

Assinaturas pagas da «Voz do Santuário»

Com 10\$00 pagaram a sua assinatura os senhores:

João de Matos, de Oleiros;
João de Deus, de Oleiros;
Joaquim Mendes Pedrosa, Vila Seca;
Manuel Serra da Cruz, Alvoco de Várzeas;
António João Dias, Vale de Maceira;
Albano de Brito, Barriosa;
José Luís, Ribeira — Barriosa;
António Henriques Freire, Barriosa;
D. Maria Emília Gouveia, Oliveira do Hospital;
Manuel Luís, Rio de Mel;
António da Costa Figueiredo, Marvila;
Manuel Nunes André, Alvoco de Várzeas;
Manuel Augusto Dias, Minas da Panasqueira;
Fernando Vista, Vimieiro;
João Figueira, Três Povos, Salgueiro;
D. Maria da Anunciação Marques, Lisboa;
Diamantino Fernandes Varanda, Lomba de Arganil;
António Mendes, Vale de Maceira;
José Dias Álvaro, Vale de Maceira;
Manuel Lopes, Vale de Maceira;
Maria da Encarnação Dias, Vale de Maceira;
Eduardo Dias Mendes, Vale de Maceira;
Viriato Gouveia, Aldeia das Dez.

Com 15\$00 José Maria da Silva, Lisboa.
D. Leopoldina da Silva, de Vilela, 40\$00 para dois anos.
D. Margarida Oliveira Brito, Nova Sintra, 50\$00.
José Alves da Silva, Lobito, 50\$00.
Fausto Ferrão da Rocha, Lagares da Beira, 20\$00.
José Pereira Barquinha, Porto, 20\$00.

noite estrelada levantemos os olhos ao céu exclamando como o poeta lírico Soares de Passos:

«Glória a Deus! Eis aberto o livro imenso.

O livro do infinito

Onde em mil letras de fulgor intenso
Seu nome adoro escrito».

Alberto Hall Castelo Branco, Porto Alexandre, 50\$00.

António Domingos, Lisboa, 30\$00, dois anos.

Manuel Miguel Diniz, Lisboa, 20\$00.
Francisco Dias, Santo Amaro — Lisboa, 20\$00.

D. Olímpia Mortágua, Lisboa, 20\$00.

Alfredo Pereira Rebelo, Chinguar, Angola, 20\$00.

Dr. José Craveiro Lopes, Lisboa, 20\$00.

Eng. António Mendes Oliveira, Santa Ovaia, 20\$00.

João Alves, Avô, 40\$00, dois anos.

ANEDOTAS

Não há ciência como a astronomia!

— A quem tu o dizes... Eu sou doído por ela. E minha casa todos têm nome de estrelas. Minha mulher é a Lua... Muda todos os dias de cara. Meu sogro é Marte. É homem que leva tudo a ferro e fogo.

— Apre! E tua sogra?

— Oh! essa... é a Ursa Maior!

+

O sr. Prior interroga sobre doutrina a um poveiro, seu paroquiano:

— Sabe o sinal da cruz?

— Ó sr. Prior, isso nem se *progunta*.

— Ora então, benza-se lá.

— Em nome do Padre e do Espírito Santo, amen.

— E o filho? onde é que V. deixa o Filho.

— Ó sr. Prior o filho deixei-o ali fora, atrás da porta. Estava tão rotinho que tive vergonha de o trazer cá p'rá sacristia. Se o sr. Prior me desse umas calcinhas para ele...

+

Pensando sempre em riquezas e tesouros, sonhou um usuário com Santo António que lhe aparecera e lhe perguntara:

— Queres um conto de reis?

— Oh se quero! fazia-me um conto.

— Dize lá; queres em notas ou em ouro?

— Em ouro, em ouro, de preferência.

— Nesse caso espera enquanto vou trocar o conto de reis em ouro.

No meio do delicioso sonho o usuário acordou e olhando em volta exclamou, com amargos de boca:

— Que grande tolo eu fui, que não peguei logo no conto de reis!...

+

Na volta do bailarico

Dizes tu que vais à dança

por distrair-te um bocadinho...

— Mas depois de ter dançado que te fica por lembrança?...

Dás à perna com furor,

em rudopios de louca;

e que lucras?... Coisa pouca:

remorsos, cansaço, dor...

Vens de lá suando em fio.

vens exausta, esbodegada;

mas... de coração vazio,

e... co'a farpela estropiada.

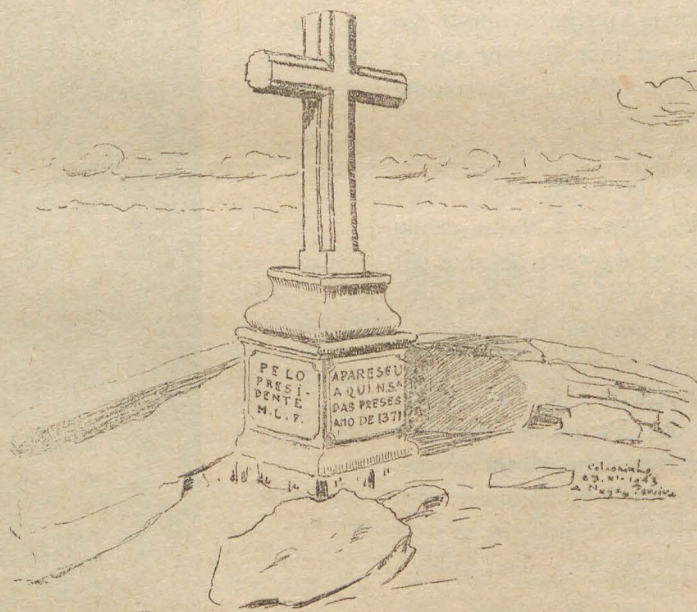
Festa do Corpo de Deus em Avô

No dia 7 do corrente realizou-se em Avô a concentração de todas as freguesias do Arciprestado para tomarem parte na procissão.

Cantou a Missa o Rev.º Prior de Alvoco e assistiram todos os párocos das diversas freguesias.

A Missa foi cantada pela Filarmónica de Avô com a colaboração do grupo coral sob a regência do Rev.º Pároco de Avô.

Aldeia das Dez fez-se representar pela Irmandade da Senhora das Preces, Cruzada e Juventude Feminina.



Cruzeiro do Colcurinho a 1.240 metros

A festa da Senhora das Preces



Nossa Senhora das Preces

Conforme estava anunciado, a festa da Senhora das Preces realizou-se nos dias 23 e 24 do mês findo.

Muitos milhares de peregrinos vindos de todos os recantos de Portugal encheram por completo o vasto recinto do Santuário.

Logo no sábado de manhã começaram a chegar ranchos de vários lados que vinham a pé de suas terras.

De tarde algumas camionetas vindas de Lisboa e de outras localidades trouxeram mais gente e à noite já eram alguns milhares os peregrinos que se encontravam no recinto.

Às 9 horas deu-se princípio à Via Sacra. O Rev.º P.º Francisco da Mata Mourisca, capuchinho, explicou ao microfone, todas as passagens da Paixão do Senhor que o povo ouvia com atenção e agrado.

No domingo de manhã ainda bem cedo, começaram as missas e confissões, sendo bastantes as pessoas que procuraram confessar-se e comungar para ganharem o Jubileu. A Igreja da Senhora das Preces esteve sempre cheia de pessoas que rezavam cumprindo as suas promessas.

A missa campal foi cantada pela filarmónica de Aldeia das Dez, sendo celebrante o capelão da Senhora das Preces.

De tarde às cinco horas, depois da reza do terço e de um magnífico sermão sobre Nossa Senhora das Preces

começou a organizar-se a grandiosa procissão em que tomaram parte as Juventudes de Aldeia e Feira, cruzadas de Aldeia, Feira e Alvoco de Várzeas e as Irmandades de Aldeia e Alvoco e filarmónica de Aldeia das Dez, dirigindo a procissão o Rev.º P.º Manuel Joaquim da Costa Ferreira, Dig.º Prior de Alvoco das Várzeas.

A procissão que percorreu o itinerário do costume com dificuldade passava por entre a mole imensa dum vasto mar humano.

Nunca nos foi dado presenciar tão belo espectáculo, aqui na Senhora das Preces. Tantos milhares de pessoas e tudo na melhor ordem, com grande fé, respeito e compostura.

Na capela do monte do Colcurinho, no sábado e no domingo houve missa em honra de Nossa Senhora sendo alguns milhares de pessoas que ali acorreram para cumprir as suas promessas e para apreciar os vastos e maravilhosos horizontes.

Tanto na capela do Colcurinho como na Senhora das Preces muitas centenas de peregrinos cumpriram as suas promessas de joelhos algumas com imensos sacrifícios traduzindo as suas aflições, as suas dores e o seu reconhecimento.

De facto a Nossa Senhora das Preces não cessa de fazer cair a sua chuva de graças sobre todos os seus filhos que com confiança a invocam.

A estrada

da Ponte das Três Entradas ao Vale de Maceira necessita de ser alargada

Quando se construiu a estrada da Ponte das Três Entradas a Aldeia das Dez nunca se previu o movimento que hoje tem.

Por isso a fizeram estreita e com curvas apertadas, certamente porque os carros daquele tempo cabiam bem.

De Aldeia a Vale de Maceira a estrada é um pouco melhorada, quanto a curvas, mas com a mesma bitola, ficando estreita também.

Mudaram os ventos passaram os tempos e hoje todos reconhecem que foi um erro.

O Santuário da Senhora das Preces é visitado durante o ano por milhares de pessoas, especialmente nos meses de verão e por ocasião das grandes romarias. Isto quer dizer que a estrada é constantemente rodada por centenas de carros de todos os tamanhos e feitios e por camionetas que são verdadeiras casas ambulantes. Daqui resulta que dois carros só com muita dificuldade passam um pelo outro e, mesmo assim, um tem de ir para a valeta.

Ora isto não se harmoniza de forma

alguma com a categoria dos carros nem com os tempos modernos, nem com o brio nacional.

É preciso pois alargar a estrada um metro, pelo menos, em toda a sua extensão, desde a Ponte das Três Entradas ao Santuário.

Para que este serviço de grande necessidade e utilidade possa ser feito, o melhor e mais rapidamente possível, convinha que a estrada que é camarária passasse para o Estado.

Pedir à Câmara de Oliveira que faça este melhoramento é exigir-lhe um milagre «e milagres, senhores, é justo que se creiam, é bom que se mereçam, mas não é razão que se esperem».

Ora o Estado, pela Direcção das Estradas, ou Junta Autónoma, tem possibilidades de o fazer.

Esperamos pois que o assunto seja estudado pelas Entidades competentes para que dentro de pouco tempo seja uma realidade.

O movimento do Santuário justifica-o plenamente.



Nossa Senhora das Necessidades